

LÍNGUAS CLÁSSICAS: É POSSÍVEL AFIRMAR SUA EXISTÊNCIA NO BRASIL?

CLASSICAL LANGUAGES: IS IT POSSIBLE TO AFFIRM THEIR EXISTENCE IN BRAZIL?

Ricardo Tupiniquim Ramos¹

RESUMO: Embora usado até na nomenclatura de habilitações de cursos de graduação em Letras e de Departamentos de universidades que os mantêm, “línguas clássicas” é termo não definido mesmo em dicionários técnicos da área, cujos profissionais o utilizam de forma até intuitiva. Com base nisso, inicialmente, propõe-se uma aproximação desse conceito a partir dos traços geralmente atribuídos a línguas e literaturas assim consideradas pela academia, em seguida identificadas nos sites das universidades acima referidas e caracterizadas a partir de informações disponíveis na literatura especializada sobre elas e seus usos. Por fim, a partir de dois usos específicos dessas línguas, discutiremos a possibilidade da existência de congêneres suas no Brasil, tanto nativas quanto africanas nativizadas, abrindo, assim, novas perspectivas para sua valorização e de suas culturas e para a pesquisa na área.

Palavras-chave: Línguas e literaturas clássicas. Línguas litúrgicas. Línguas-de-santo.

ABSTRACT: Although used for naming undergraduate courses on Linguistics and Literatures and university departments that maintain them, “classical languages” is a term not defined even in technical dictionaries in the area, whose professionals use it in an intuitive way. From this perspective, initially, we propose a conceptual approximation for the term, based on the traits generally attributed to languages and literatures considered classics by academy, then identified on the websites of the aforementioned universities and characterized based on information available in the specialized literature about them and its uses. Finally, from two specific uses of these languages, we discuss the possibility of the existence of their counterparts in Brazil, both native and nativized African ones, opening new perspectives for their appreciation and their cultures and for research in the area.

Keywords: Classical languages and literatures. Liturgical languages. Afro-Brazilian liturgical languages.

1.Introdução

Embora usado até na nomenclatura de habilitações de cursos de graduação em Letras e de Departamentos de universidades que os mantêm (UERJ, 2021; UFBA, 2021; UFRJ, 2021; UnB, 2013; USP, 2021), **línguas clássicas** é termo não definido mesmo em dicionários técnicos da área. A despeito disso, elas têm

alicerçado os estudos linguísticos, pois o exame acurado de textos escritos remanescentes tem possibilitado “[...] análises comparativas e contrativas não só nos campos da poesia, da narrativa ficcional e do drama, mas também da filologia, da historiografia, da antropologia, da sociologia, da ciência política” (CARDOSO, 1994, p. 390).

Com base nisso, inicialmente, propomos uma aproximação desse conceito desde os traços geralmente atribuídos a línguas e literaturas assim consideradas pela academia. Num segundo momento, examinamos as línguas apontadas como clássicas nos *sites* consultados das universidades acima e identificamos, a partir de informações disponíveis na literatura especializada acerca delas e seus usos.

Por fim, a partir de dois usos específicos de línguas apontadas como clássicas, discutiremos a possibilidade da existência de congêneres suas no Brasil, tanto nativas quanto africanas nativizadas, abrindo, assim, novas perspectivas para sua valorização e de suas culturas e para a pesquisa na área.

2. Língua clássica, uma aproximação conceitual

Segundo Ceia (2009), inicialmente **clássico** foi termo aplicado pelos eruditos alexandrinos, ainda no período helenístico (323 a.C.–146 a.C.), à literatura grega arcaica, cuja excelência a capacitou a resistir ao tempo. Do estudo dessas obras, começaram os estudiosos a abstrair regras para a aplicação da categoria à literatura de seu tempo, sendo seguidos em ambas as atitudes pelos romanos.

Entre esses, foi Aulus Gellius (século II a.C.), na obra *Noctes Atticae* ‘Noites Áticas’, o primeiro a distinguir o *scriptor classicus* ‘autor clássico’ (o da elite econômico-política, que escrevia para a sua classe social e era, por isso, tido como notável e exemplar, atributos transferíveis para sua obra e expressão linguística) do *scriptor proletarius* ‘autor proletário’ (o oriundo das classes sociais baixas, para as quais se dirigia num estilo de escrita considerado vulgar), lançando as bases da oposição entre latim clássico e latim vulgar¹, sobre a qual tanta tinta já correu.

Ceia (2009) aponta uma mudança de sentido do termo clássico no Medievo: abandonou-se a ideia de excelência do autor ou da obra em favor de uma

associação com classe, espaço próprio para estudo; assim, autor, obra e registro de língua clássicos passaram a ser aqueles examinados em contexto educativo formal, de onde ganhavam notoriedade e caráter modelar.

Numa síntese das concepções dos períodos anteriores, a Modernidade ocidental entendeu o clássico (autor, obra, uso da língua) como aquilo que, em oposição aos correspondentes da época, era antigo, pleno de autoridade, um ideal de perfeição estética, imitável a partir da junção do talento e bom senso individuais com a técnica, formalmente aprendida mediante o respeito a regras de verossimilhança, à conveniência, à forma e conteúdo apropriados a cada gênero textual (MOISÉS, 1978).

Sobretudo a partir do último quartel do século XIX, o termo **clássico** ultrapassou a esfera artística e linguística, tornando-se aplicável a praticamente tudo (um filme, um jogo, uma peça ou estilo musical, uma corrida ou partida esportiva, uma construção, mobília ou peça de vestuário, etc.), a ponto de Arnold (1888, apud CEIA, 2009) expressá-lo como “aquilo que é melhor que tudo o mais”. Esse alargamento conceitual do senso comum levou ao surgimento de definições irônicas do clássico literário (autor ou obra), como esta do escritor ianque Mark Twain: “Clássico: um livro de que as pessoas gostam sem o ter lido”. (TWIN, 1897, apud CEIA, op. cit.).

No século XX, houve alguns embates teóricos entre os críticos literários sobre o clássico. Assim, para Eliot (1945, apud Ceia, 2009), clássico é o autor ou obra madura, cuja expressão ultrapassa a norma da língua, renovando-a, por licença poética e, embora advogue a historicidade do fenômeno, contraditoriamente aponta Dante Alighieri como o mais “universal” deles.

Entre outros, Kermode (1973, apud Ceia, 2009) contraria essas teses, apontando dois critérios determinantes dos clássicos: o significado da obra para seu autor, seus melhores leitores na sua época e na atualidade e a impossibilidade de expressão da mesma ideia de outra maneira. A partir daí, conclui que clássica seria a obra perpetuada como opção de leitura muito tempo após sua escrita.

Atualmente, sem desconsiderar traços apontados seja na era moderna, seja no século XX, a crítica especializada considera um clássico a obra ou autor antigo

que se perpetua graças à sua excelência, pela qual já adquirira caráter referencial basilar em sua própria época.

Levantemos, pois, os traços da literatura clássica, de seus autores e de sua expressão linguística, apontados até este ponto da exposição:

- antiguidade (em oposição ao moderno ou contemporâneo);
- caráter erudito (em oposição ao popular) e superior (hierarquização da arte e das variedades linguísticas);
- excelência ou “grau máximo de desenvolvimento” (CONCEITO DE, 2019);
- (ideal de) perfeição estética, universalmente válido e reconhecido (DICIONÁRIO INFORMAL, 2021)
- caráter referencial (autoridade) já em seu tempo;
- perpetuação muito tempo após seu surgimento;
- caráter modelar;
- aprendizagem em ambientes formais;
- renovação periódica, a partir do engenho individual.

3.As línguas clássicas na academia brasileira: identificação, usos, oposições

Num levantamento das línguas consideradas clássicas pela academia no Brasil e em torno das quais há departamentos, cursos de graduação, programas de extensão e de pós-graduação *stricto sensu*², disciplinas e pesquisas nas universidades citadas na introdução, vemos que, de longe, predominam grego e latim e que, por sua natureza “fundamental para a construção de toda a cultura ocidental contemporânea” (SANTIAGO, 2021), muitos estudiosos as concebem como **as** línguas clássicas, como se depreende da seguinte citação:

As línguas clássicas são línguas de cultura. Através delas nos chegam os maiores autores da literatura de todos os tempos, os gêneros que marcaram toda a literatura ocidental, a poesia, a filosofia, as ciências, para não falar dos textos de caráter histórico, literário e científico em que se exprimia toda a Europa culta ao longo de séculos. (MARTINS; OLIVEIRA, 2017, p. 131)

Talvez por isso Bluedorn (2016) considere que “As línguas clássicas são provavelmente as [...] estrangeiras mais produtivas para um aluno aprender”.

O grego clássico não é o atualmente em uso na atual República Helênica, mas aquele em que se expressaram os intelectuais da Antiga Grécia, entre os séculos VIII e IV a.C., gramatizado por Crates de Malos (180 a.C.–150 a.C.). Origem do grego moderno ou demótico (oposição clássico X moderno), sua antiga variante popular, conhecida por *koiné*, foi a língua do nascente Cristianismo do século I e nela foi escrito o Novo Testamento e se assentaram os ritos da igreja primitiva, ainda vigentes na Igreja Ortodoxa Grega.

No caso do latim, ainda no período da romanidade, como vimos, estabeleceu-se a distinção, originalmente classista e excludente, entre clássico e vulgar, sustentada até o século passado (CÂMARA Jr., 1992 [1977], SILVA NETO, 1957, SPALDING, 1971, entre outros) e mesmo neste por estudiosos pouco afeitos a aberturas ou renovações conceituais, pelas quais hoje o latim clássico equivale ao escrito, formal e literário e o vulgar, ao falado e/ou o escrito informal, não literário. (BAGNO, 2011, BASSETTO, 2001; BASSO; GONÇALCES, 2014; FARACO, 2016).

Foram as variantes vulgares, i.e., faladas, do latim o veículo de propagação do Cristianismo do fim da era apostólica até sua oficialização no Império Romano, no século IV, sob Constantino II (317-340). Ao longo de sua trajetória de religião proscrita a de única permitida no Império, constituiu-se um latim cristão, base da paulatina formação de um rito romano, ainda hoje próprio da Igreja Católica, realizado apenas em latim até 1960, quando passou a ser oficiado majoritariamente nas línguas locais. Em julho deste ano, o Papa Francisco aboliu o uso litúrgico dessa língua, apesar de ela continuar oficial da Santa Sé (VATICAN NEWS, 2021).

Ao longo do tempo, também surgiu uma oposição entre o latim – língua antiga (clássica) a suas descendentes românicas, vulgares, vernáculas (i.e., faladas) ou modernas. Língua oficial do Brasil, o português e suas literaturas figuram, como a habilitação de alguns cursos de graduação ou departamentos universitários sob o rótulo “Letras Vernáculas”; já suas congêneres românicas, em cursos ou

departamentos de línguas estrangeiras (como se o português, entre nós, fosse nativo) modernas, ao lado de outras, de origem distinta.

De volta ao levantamento mencionado no início desta exposição, USP, UERJ e UFRJ oferecem bacharelados em Letras com habilitação em **hebraico**, língua da família afro-asiática, em cuja variante clássica – sem falantes nativos desde o ano 400 d.C. (BAGNO, 2017, p. 252) – se escreveu vasta literatura, da qual são exemplo mais célebre o Antigo Testamento cristão, formado, em verdade, por textos adotados pelo Cristianismo, mas procedentes do cânone do Judaísmo, fonte da liturgia ortodoxa dessa religião (ARMSTRONG, 2008).

Preservada apenas em sua função litúrgica, ao longo dos séculos, desde a chamada segunda diáspora judaica, o hebraico começou a ressurgir como vernáculo na virada do século XIX para o XX, adotando empréstimos ao árabe, ao sefradita (ou ladino, judezmo, judeu-espanhol ou judeu-grego), ao ídiche ou judeu-alemão, ao judeu-árabe (também chamado *yavanic* ou *yahudic*) entre outros, vindo a ser oficializado pelo Estado de Israel que, desde sua criação, em 1948, assumiu o renascimento desse idioma como objeto de políticas públicas (ARMSTRONG, 2001). Segundo Ballarin (1995, p. 127),

A fundação do novo estado de Israel constitui uma experiência linguística fascinante. Assistiu-se ao “renascimento” de uma língua que, após ficar encerrada durante séculos nos livros sagrados e nas sinagogas, retomou a sua vitalidade, tornando-se a língua de todo um povo. As novas gerações foram, assim, criadas falando hebreu desde o nascimento, sem muita dificuldade. Mas os adultos e as pessoas idosas, vindas de distintos países, sofreram, fazendo um grande esforço para aprendê-la. Era inevitável que mantivessem fortes laços espirituais com as línguas maternas.

Língua semita muito próxima ao hebraico e às línguas neo-aramaicas, o **árabe** é, por sua vez, objeto de bacharelados na USP e na UFRJ, onde é estudado em seus dialetos populares, vernáculos em diversos países do Oriente Médio e do Norte da África, mas também em sua variante clássica, oficial nesses mesmos países, fonte de riquíssima literatura antiga e medieval e na qual foi escrito o

Alcorão (ar. *al-qu'ran* 'o que deve ser lido, a leitura por excelência' (HOUAISS, 2001, p. 144)), livro sagrado do Islã, a partir do qual os muçulmanos fazem suas orações, independente do seu país ou língua materna. (BAGNO, 2007, p. 251).

Em alguns bacharelados em Letras, a USP oferece a disciplina optativa de "Introdução ao **Sânscrito**", língua indo-europeia da família indo-iraniana, clássica da Antiga Índia, gramatizada por Pañini (520 a.C.-460 a.C.), origem do romani (língua dos povos rom, mais conhecidos como ciganos) e de vários vernáculos indianos atuais (hindi, nepali, assamês, marata, concani, urdu, bengali, etc.), na qual foi escrita vasta literatura laica (os épicos *Ramayana*, *Mahabarata*, *Buddhacarita*, etc.) e religiosa hindu – *Rigveda*, os *Upanishads* e os *Vedas* (STÖRIG, 2000). Embora conhecida por europeus desde o século XVI³, só foi revelada em 1786 por Sir William Jones (1746-1794), para quem ela é "[...] mais perfeita do que a grega, mais rica do que a latina, mais melodiosa do que ambas [...]" (JONES, apud STELLA, 1972, p.14). Sua enorme relevância para a formação da civilização indiana fez o Estado indiano oficializá-la, apesar de não ser falada desde o século V d.C. (BAGNO, 2017, p. 252). Essa oficialização implicou o implemento de seu ensino em todos os níveis da educação com o intuito de torná-la língua nacional, bem como na mídia indiana, que criou programas de rádio e publicações em sânscrito, renovando-o, de certa forma, com neologismos criados a partir das regras clássicas da própria língua (BALLARIN, 1995).

Mais que relevantes para os povos que, no passado as tiveram como língua materna ou, no presente as têm como ancestral, sânscrito, grego e latim, se destacam em nossa memória cultural, não sendo correto chama-las de línguas mortas porque, por meio de marcas imperceptíveis, difíceis de encontrar, (sobre)vivem em muitos idiomas atuais. Talvez por isso, segundo Ballarim (1995, p. 24), "muitos de nós lamentam e se queixam de não ter estudado as línguas clássicas; na maioria dos casos, a falta a falta de interesse decorreu dos métodos antiquados de ensino". Nas entrelinhas da citação, há algo recorrente no discurso sobre as línguas clássicas, sobretudo as citadas: uma certa nostalgia das práticas

textuais nela realizadas, seu legado civilizatório e o desejo de tê-las aprendido.

Estudada na USP em bacharelado próprio e, como disciplina eletiva em outros, o **chinês**⁴ é, na verdade, uma família de línguas (mandarim, cantonês, xangainês, sichuanês, hakka) do tronco sino-tibetano, oficial na China, Taiwan e Singapura, embora faladas também em quase todo o Sudeste asiático e na Austrália (STÖRIG, 2000). O que as une é a escrita, também adotada por vietnamitas, coreanos e japoneses (ALLETON, 2012). Assim, desenvolvida entre os séculos VI e IV a.C., sua **literatura clássica** é lida em diferentes sociedades, onde exerce papel modelar.

LITERATURA CLÁSSICA CHINESA

Basicamente composta dos *Wujing* 'Os Cinco Clássicos' e *Sì Shu* 'Os Quatro Livros' (referência curricular para o exame admissional de funcionários civis do Império Chinês entre 605 e 1905) (TAMOSKAS, 2020), é completada por textos da literatura religiosa budista ou taoísta.

Wujing 'Os Cinco Clássicos':

- *Shijing* ('Livro das Odes', Livro dos Hinos' ou 'Clássico da Poesia') – antologia de 305 poemas de entre os séculos X e VII a.C., compilados por Confúcio (551 a.C.–479 a.C.);
- *I Ching* 'Livro das Mutações', volume de filosofia oracular surgido antes da dinastia Chou (1150-249 a.C.), atribuído ao lendário Fu Hsi
- *Shujing* 'Livro dos Documentos', conjunto de discursos de figuras importantes e registros de eventos na China antiga compilados por Confúcio;
- *Liji* 'Livro dos Ritos', descrição de normas sociais, sistema de governo, ritos e cerimônias; e
- *Chunqiu* 'Anais de Primavera e Outono', uma historiografia de Confúcio

Sì Shu 'Os Quatro Livros':

- *Dà Xué* 'O Grande Ensino' ou 'O Grande Aprendizado';
- *Zhong Yóng* 'A Doutrina do Meio';
- *Lùn Yu* 'Analectos' – compilação dos aforismos de Confúcio, organizada por seus discípulos;
- *Mèng Zǐ* 'Mêncio' – compilação do pensamento de Mèng Zǐ (370 a.C. –289 a.C.), discípulo de Confúcio;

Literatura religiosa:

- *Tao Te Ching* 'Clássico da Forma e sua Virtude', de Laozi, fundador do Taoísmo;
- diversas traduções do cânone budista indiano, com destaque para *Miao-fa-lien-hua* 'Sutra do Lótus da Lei Mística', feita por Kumarajiva (344–413) (IKEDA, 1976);
- várias escrituras budistas, com destaque para o *Maha Shikhan* 'Grande concentração e discernimento', de Tiant'ai (538–595) uma interpretação do Sutra do Lótus, a partir da tradução supra (IKEDA, 1976).

O **japonês** é objeto de bacharelados em Letras na universidade paulista e nas duas fluminenses investigadas. Língua dotada de variedade clássica, registrada

a partir do século V em caracteres chineses e com base em seus modelos literários, e inúmeras variedades vernáculas, base da escrita contemporânea. Os três cursos se concentram, inicialmente, no estudo da norma-padrão atual, infletindo, a partir do 5º período, para o estudo dos clássicos e sua expressão e da literatura moderna.

Conforme o levantamento feito, só a USP possui bacharelado em **coreano** (língua isolada), organizado como o em japonês, acima referido. Contudo, calcada em manifestações de oratura⁵ autóctone ainda na idade da Pedra e em forte influência confucionista, budista e taoísta, a literatura clássica coreana tem o maior lapso temporal, indo do século IV ao XIX, início de sua fase contemporânea, grandemente influenciada pela literatura nipônica. Seus mais antigos registros foram feitos em caracteres chineses devido à ausência de um sistema próprio de escrita, o *hangul*, surgido em meados do século XV (WIKIPEDIA, 2013).

OS CLÁSSICOS JAPONESES E COREANOS

Os clássicos japoneses

Ikeda e Nemoto (1979) discutem as mais célebres obras da literatura japonesa, aquelas que, segundo os autores, sintetizam e modelam sua identidade nacional:

- *Man'yōshū* 'Coleção das Dez Mil Folhas' – mais antiga antologia poética do país, com texto compostos entre 347 e 759 d.C., compilados nesse ano, provavelmente pelo poeta e estadista Ōtomo no Yakamochi (718-785);
- *Kojiki* ou *Furukotofumi* (712 d.C.) – coletânea de narrativas míticas e históricos sobre o Japão Antigo, de autoria do burocrata e cronista Ō no Yasumaro (?–723);
- *Guenji monogatari* 'O conto de Guenji', considerado o primeiro romance do mundo, escrito no século XI pela nobre Murasaki Shikibu (973/978–1014/1031);
- *Konjaku mongatarishū* 'Antologia de Contos do Agora é Passado' – coletânea de 31 volumes (três desaparecidos), anônima e posterior a 1120 de mais de mil contos sobre Índia, China e Japão.

Formas poéticas clássicas da Coreia

Formas primitivas

- *hyangga* 'canções nativas'
- *pyolgok* 'canções especiais'
- *changga* 'poemas longos'
- *sijo* 'melodias atuais'
- *gasa* 'versos'.

Estilos próximos ao surgimento do *hanjul*

- * *kyonggi*
- * *akchang* 'palavras para canções'

Obra de destaque no estilo *akchang*:

Yongbi och'on ka 'Canções dos dragões voadores' (1445-1447), ciclo em louvor à fundação da Dinastia Yi.

Por fim, considerado "a língua clássica do Brasil" (NAVARRO, 2013), o **tupi-antigo** – conjunto de dialetos da família tupi-guarani do troco Tupi, falado majoritariamente na costa da América do Sul quando da invasão portuguesa a essas terras – é objeto de duas disciplinas obrigatórias (Tupi I e II) e de duas eletivas (Tupi III e IV) no bacharelado uspiano. Inicialmente ágrafa, essa língua passou ao registro em escrita latina após sua gramatização por Anchieta (1580 [1595]). Nela, o próprio gramático escreveu literatura (poesia lírica e drama) e traduziu textos cristãos, exemplo seguido por religiosos posteriores; e indígenas produziram textos diversos – como o discurso de Catarina Paraguaçu na corte de Luís XIII, as cartas entre Filipe Camarão e seus primos durante a invasão holandesa a territórios já invadidos por Portugal (NAVARRO, 1999). Esses textos se tornaram modelo e fonte para outras codificações, como a gramática de Luís Figueiras (1620), vários vocabulários e para o ensino dessa língua nas escolas jesuíticas por pouco mais de 250 anos, até a proibição dessas práticas pela

legislação pombalina. Contudo, ela permaneceu falada nos confins amazônicos, originando, na segunda metade do século XIX, o nheengatu ou tupi-moderno, ainda hoje falado – inclusive oficialmente, em alguns municípios amazonenses (RAMOS, 1999) –, e no qual se produz literatura, material didático e, mais recentemente, até cinema.

4. Outros casos consensuais de línguas clássicas

Além das citadas na seção anterior, há algumas outras línguas consensualmente consideradas clássicas ao redor do mundo; vejamos.

Língua dravídica do Sul da Índia, Sri Lanka, Singapura e, em menor escala, também na Malásia, Mianmar, Indonésia, Vietnam, Ilhas Maurício e Ilhas Reunião, o **tâmil** utiliza alguns sistemas indianos de escrita – *grantha*, *vattelluttu*, *kolezhuthu* e *palava* – e também do árabe. Seus mais antigos registros datam do século V a.C., dividindo-se sua história em três períodos (arcaico, médio e moderno), encontrando-se no primeiro sua literatura clássica, cujo maior monumento é o *Tolkāppiyam*, elaborado entre os séculos III a.C. e III d.C. (STÖRIG, 2000).

Membro da família indo-iraniana do tronco indo-europeu, o **persa** é uma língua pluricêntrica (com mais de uma norma-padrão) falada no Irã, Afeganistão e Tadjiquistão, oficializada com os nomes de *parsi* ou *farsi*, *dari* e *tadjique*, respectivamente, sendo minoritária no Iraque, Uzbequistão, Turquia, Emirados Árabes Unidos e Barein. Em seu período histórico mais recuado (*persa antigo*), em escrita cuneiforme, foi usada pela dinastia aquemênida (\pm 550 a.C.–330 a.C.) do Império Persa para o registro de documentação oficial, como a célebre pedra de Bisuntum (STÖRIG, 2000). Um pouco anteriores são os textos sagrados do Zoroastrismo – (*Zend*)*Avestá* –, religião fundada na antiga Pérsia pelo profeta Zaratustra (século VII a.C.), chamado de Zoroastro pelos gregos (SALMONI, 1978).

Língua afro-asiática nativa do Egito, o **egípcio**, extinto, usou quatro

escritas ao longo de sua longuíssima história: a hieroglífica (com cerca de mil sinais distintos, entre sinais logográficos, silábicos e alfabéticos), em uso entre os séculos XXXII e XXI a.C.; a hierática, simplificação do anterior, usado para o registro do egípcio médio (2.000 a.C.–1.300 a.C.), de sua forma clássica, do neoegípcio – da época de domínio persa (2.000 a.C.–1.300 a.C.) ao fim do período romano (século IV d.C.); a demótica, para textos cotidianos de entre 650 a.C. e 452 d.C.; e a copta, fusão do anterior ao alfabeto grego, em uso entre os séculos IV e XIV, de registro, inclusive, do conjunto de textos litúrgicos da Igreja Ortodoxa Copta, fundada, segundo a tradição, por São Marcos (10 a.C.–68 d.C.), evangelista (STÖRIG, 2000).

LITERATURA CLÁSSICA EGÍPCIA

Clássicos em escrita hieroglífica ou hierática

- **textos religiosos:** Os Textos das Pirâmides; Os Textos dos Sarcófagos; O Livro dos Mortos; Litania de Rá; Amduat; A Paleta de Narmer
- **instruções e ensinamentos:** O Ensino de Any; Instruções de Amenemés; Instrução de Hardjedefe; Máximas de Ptatepe; Instruções de Kagemni; A Sátira dos Ofícios ou Instruções de Dua-Queti; Ensinamentos ao Rei Mericaré; Ensino Lealista; Instrução de Amenemope; Ensino de Queti
- **contos:** O Conto da Corte do Rei Quéops; Rei Neferkare e General Saset; O Camponês Eloquente; O Conto do Naufrago ou A Ilha da Serpente; As Aventuras de Sinué; Rei Nefercaré e General Saset; A Discussão de Apepi e Seqenenre; A Tomada de Jopa; O Conto do Príncipe Condenado; O Conto de Dois Irmãos; A História de Unamón; A Estela da Fome
- **eloquência** (lamentos, discursos, diálogos e profecias): O Papiro Ipuur; Profecia de Neferti; Disputa entre um Homem e sua Alma; a Crônica Demótica, Oráculo do Cordeiro, Oráculo do Oleiro
- **poesia lírica:** O Papiro Chester-Beatty I; A Canção do Harpista, O Grande Hino a Aton
- **epístolas:** Livro de Quemite; Papiros de Heqanakht; Carta Satírica do Papiro de Anastasi I
- **autobiografias:** Autobiografia de Uni; Autobiografia de Harkhuf
- **decretos, crônicas históricas, listas de reis:** A Pedra de Roseta; A Pedra de Palermo; O Papiro de Abott (BARD; SHUBERT, 1999)

Literatura Cristã em escrita copta

- **apócrifos do Novo Testamento:** Alógenes ou O Livro do Estrangeiro; Apocalipse copta de Paulo; Apocalipse de Adão; Apocalipse gnóstico de Pedro; Apócrifo de João; Diálogo do Salvador; Evangelho da Verdade; Evangelho de Filipe; Evangelho de Judas; Evangelho de Tomé; Evangelho de Maria; Livro Sagrado do Grande Espírito Invisível ou Evangelho Copta dos Egípcios; Carta de Pedro a Filipe; Oração do Apóstolo Paulo; Apócrifo de Tiago.
- **doutrinas gnósticas:** Códice Gnóstico de Berlim; Códice Tchacos; O Trovão, a Mente Perfeita; Pensamento de Norea; Protensão Trimórfica
- **doutrina pitagórica:** Sentenças de Sexto (MACCOULL, 1991)

Em espaço europeu, destacam-se o antigo eslavo eclesiástico e gaélico,

sobre os quais passamos a falar.

Língua indo-europeia do ramo eslavo, o **antigo eslavo eclesiástico** origina-se da forma mais remota de eslavo, o chamado eslavo comum ou protoeslavo, sem registros escritos, mas reconstruível pela aplicação do método histórico-comparativo. Suas descendentes se distribuem em três grupos – ocidental, oriental, meridional – encontrando-se nesse último o antigo eslavo eclesiástico, língua de forte influência grega na sintaxe e estilística, devido ao fato de a Igreja Ortodoxa Eslava se originar da congênere grega. Baseada no antigo dialeto eslavo falado na região de Tessalônica, usado por São Cirilo (?-869) e São Metódio (826-885) em sua tradução da Bíblia e de outros textos eclesiásticos gregos (sua literatura clássica), desempenhou um papel crucial na história das demais línguas eslavas, servindo de modelo para as tradições textuais religiosas posteriores, ainda hoje com uso litúrgico (STÖRIG, 2000).

Por fim, já em território europeu ocidental, o **gaélico** – língua indo-europeia do ramo godélico da família céltica, nativa e oficial na Irlanda desde 1922, quando de sua independência do Reino Unido, e na União Europeia desde 2005 –, dotada de uma variante irlandesa, escocesa e galesa (STÖRIG, 2000). O gaélico tem a terceira literatura mais antiga do continente, posterior apenas à grega e à latina e, em sua fase arcaica e média, possui obras clássicas, de caráter religioso e modelar: a "Elegia de São Columba" (c. 575), de Dallan Forgaill; e "Louvor de São Columba", de Beccan MacLuigdech de Rum (c. 677); o "Livro dos Veados" (século XII), anônimo; "Livro de Ordem Comum" (século XVI), organizado por John Knox; e uma tradução da Bíblia do século XVI, revisada em 1680 (GREENE, 2017).

Na América, são consideradas clássicas as línguas de dois grandes impérios pré-coloniais conhecidos^{vi} – o asteca ou nauatle e o maia – dotadas de escrita. Embora poucos, os documentos remanescentes (os demais foram destruídos pelos invasores espanhóis, que os consideravam de conteúdo demoníaco) atestam línguas vivas em que circulavam textos de vários gêneros, inclusive literários.

Pertencente à família uto-asteca do tronco ameríndio, usada pelo povo homônimo e falada no território correspondente ao atual centro do México desde pelo menos o século VII, o **nauatle** experimentou uma fase clássica, conhecida como asteca ou mexicana, tendo sistema próprio de escrita formado pela combinação de elementos pictográficos, ideográficos e, se necessário, silábicos. Usada durante a conquista colonial como língua franca entre os diferentes povos até então submetidos ao Império Asteca, foi gramatizada por religiosos espanhóis ainda no século XVI, sendo a origem das atuais línguas astecas (STÖRIG, 2000). Do período pouco anterior ou posterior à conquista, datam vários códices anônimos, em escrita nativa, às vezes acompanhada de comentários em espanhol, citados entre as melhores fontes de conhecimento sobre a cultura asteca (SANTOS, 2002).

OS CÓDICES ASTECAS

- Códice Borbônico – anônimo, em escrita nativa, acrescido de descrições posteriores em espanhol, apresenta um *tonalamatl* 'calendário divinatório', uma documentação do ciclo mesoamericano de 52 anos e uma seção de rituais e cerimônias;
- Códice Boturini ou *Tira de la Peregrinación* (1531-1541) – narrativa da lendária viagem dos astecas de Aztlan ao Vale do México;
- Códice Mendoza (c. 1541) – narração da vida e conquistas de cada governante asteca, descreve o cotidiano dos astecas e lista dos tributos pagos por cada província;
- Códice Florentino (c. 1540–1585) – conjunto de doze livros compilados sob supervisão de Bernardino de Sahagún a partir de originais perdidos e talvez destruídos pelas autoridades espanholas;
- Códice Osuna (1565) – conjunto de sete documentos distintos em que líderes indígenas reclamam às autoridades espanholas do não pagamento de bens e serviços prestados pelos seus povos, incluindo a construção de edifícios e ajuda doméstica;
- Códice Aubin, Códice Duran, "Manuscrito de 1576" ou *Historia de las Indias de Nueva-España y islas de Tierra Firme* (1576–1607) – história pictórica dos astecas, de sua partida de Aztlan ao início do período colonial, composto por 81 folhas, provavelmente supervisionado por Diego Durán, que figura como autor em sua edição de 1867;
- Códice Magliabechiano (meados do século XVI) – documento religioso baseado em congêneres anteriores desconhecidos, possui 92 páginas de papel europeu e descreve, em escrita nativa com legenda em espanhol, os 20 nomes dos dias do *tonalpohualli*, as 18 festas mensais, o ciclo de 52 anos, várias deidades, rituais, vestes e crenças cosmológicas indígenas;
- Códice Cozcatzin (1572) – 18 folhas (36 páginas) de papel europeu, em escrita nativa com pequenas descrições em espanhol e nauatle grafado em alfabeto latino, integra uma queixa contra Diego Mendonza e apresenta uma lista de terras concedidas por Itzcoatl em 1439 e informações históricas e genealógicas focadas nas cidades de Tlatelolco e Tenochtitlan, encerrando com descrições astronômicas em espanhol;
- Código Baldano, Código Barberini ou *Libellus de Medicinalibus Indorum Herbis* 'Pequeno Livro das Ervas Medicinais dos Índios' (1572) – manuscrito sobre as propriedades medicinais de várias plantas

usadas pelos astecas, traduzido para latim por Juan Badiano, a partir de original em nauatle, perdido.

Membro da família maia do tronco ameríndio e descendente direta do protomaia – ancestral comum dos três ramos do filo (cholano, iucatecano, huastecano) –, o **maia clássico** é a principal língua documentada no sistema de escrita maia pré-colombiano, uma combinação de sinais logográficos e silábicos, espelho da fonologia da língua falada na região naquele tempo. Os textos mais antigos preservados datam de 200 a 900 d.C. e são sobretudo inscrições monumentais com registro da sucessão de reis, seus governos e conquistas, de calendários e eventos astronômicos. Encontram-se reunidos em códices geralmente nominados conforme a cidade onde estão preservados ou outro critério.

LITERATURA CLÁSSICA MAIA

Clássicos em escrita nativa

Os códices

- Códice de Dresden
- Códice de Paris
- Códice Grolier (duvidoso quanto à origem maia de alguns textos)
- Códice de Madri
- Códice de Vênus

Monumentos literários (século XV)

- **drama:** *Rabinal Achí* ou *Xajooj Tun* 'Dança do Tambor', anônimo; povo e língua kekxi
- **relatos histórico-proféticos:** "Livros de Chilam Balam", atribuídos ao chilam 'profeta' Balam, língua uicteca; fonte primária sobre as antigas tradições desse povo
- **poesia lírica:** "Os Cantares de Dzitbalché" (1440), de Ah Bam 'Senhor Jaguar', único remanescente desse gênero da poesia maia, em cópia do século XVIII, já transcrita em alfabeto latino

Clássicos maias em escrita latina

- o célebre *Popol Vuh* (c. 1550) 'Livro da Comunidade' ou 'Livro do Conselho', narrativa mítico-histórica em prosa poética, desaparecida, mas sobrevivente em cópia posterior
- "O Título de Totonicapán" (1554), anônimo, escrito em quiché, com narrativas cosmogônicas indígenas, descritas em termos cristãos e nativos
- "Os Anais dos Caqchiquéis", "Memorial de Tecpán-Atitlán" ou "Memorial de Sololá", de Francisco Hernández Arana Xajilá (1571) e seu neto, Francisco Rojas (1604), com narrativas mítico-históricas dos caqchiquéis, algumas paralelas ao *Popol Vuh*, escritas em caqchiquel (SANTOS, 2012)

5.Do uso litúrgico das línguas clássicas consensuais à possibilidade da

existência de outras línguas clássicas no Brasil, além do Tupi-antigo

Até este momento, a partir das práticas de ensino, pesquisa e extensão consolidadas em algumas das principais universidades do país bem como do consenso geral da academia, identificamos 16 línguas consideradas clássicas (grego, latim, hebraico, árabe, sânscrito, chinês, japonês, coreano, tupi-antigo, tâmil, persa, egípcio, antigo eslavo, gaélico, nauatle, maia), seus usos, inclusive o intelectual-artístico, apontando, em sua literatura, as obras com a mesma caracterização.

Como vimos, a metade delas (grego, latim, hebraico, árabe, sânscrito, persa, egípcio, antigo eslavônio) têm uso litúrgico, ou seja, são usadas nos rituais de religiões a elas associadas ao longo de sua história, fenômeno geral de todas as culturas. Como vimos, nessas línguas ocorreu o registro escrito de textos sagrados de cada tradição religiosa (o Novo Testamento cristão, a Vulgata, o Antigo Testamento cristão ou Bíblia Hebraica, o Alcorão, os Vedas, etc.), base de ritos – atua(li)ção das narrativas religiosas contidas nos textos – de cada tradição, celebrados nessas línguas clássicas, vale dizer, antigas, só faladas nesse contexto:

O emprego de línguas arcaicas confere às religiões um caráter esotérico de antiguidade e de decorrente autoridade, além de restringir o conhecimento íntimo e profundo da teologia a um grupo seletivo de iniciados [...], o que faz desses idiomas um dos muitos instrumentos de *controle social e ideológico*, um **capital simbólico** [...] (BAGNO, 2017, p. 252 – grifos do autor)

, composto de alguns elementos e suas relações entre si (DU BOIS, 2003, apud BAGNO, 2017; JAKOBSON, 1987, apud TAVÁREZ, 2014):

- comportamentos gestuais, corporais e linguísticos, equivalentes funcionais de eventos precedentes e vinculados a tempos e/ou lugares remotos, com base na (crença de) repetibilidade e permanência do texto ritualístico, capaz de recriar ou mimetizar “mundos sociais por meio de atos de fala” (TAVÁREZ, 2014);

- texto formado por construções estrutural, semântica e estilisticamente paralelas e repertório vocabular específico, com palavras esotéricas, estrangeiras, arcaicas ou ininteligíveis, logo, intensamente metafórico e frequentemente opaco;

- qualidade de voz, entonação e prosódia especial, fluente e estilizada, barreira da expressão da personalidade do(a) celebrante do rito e determinante da isenção de sua responsabilidade quanto às palavras proferidas, já que ele(a) é apenas um canal transmissor de texto oriundo de fonte externa a si.

Essa fonte externa tanto pode ser documento concreto, instituinte da forma e conteúdo do rito – v.g. o *Missale Romanum* ‘Missal’ católico, que, inclusive, põe em partitura, aspectos melódicos da fala estilizada do celebrante (SANCTA SEDES APOSTOLICA, 1922, p.119-21) –, quanto “a personificação de divindades e entidades não humanas por meio de atos de fala” (TAVÁREZ, 2014), algo típico, entre nós, das celebrações da Umbanda, Encantaria e Candomblé, entendidos esses dois últimos como os termos genéricos respectivos de nossas religiões indígenas e das inúmeras religiões afro-brasileiras (exceto a Umbanda, delas diferenciada).

Cada nação de Candomblé utiliza uma língua litúrgica africana no Brasil: a nação Nagô/Ketu, o ioruba; a Jêje-Mahi, o fon ou fongbé; a Angola, o quimbundo ou o quicongo. Contudo, o uso ritual dessas línguas – que as leva a serem chamadas línguas-de-santo (CASTRO, 2002) – se dá desde um estágio antigo (seguramente do século XIX, mas talvez, ainda anterior) dessas línguas, que continuaram sua natural trajetória histórica de variação e mudança em seus espaços de origem, não havendo comunicação regular entre as comunidades de usuários dos dois lados do Atlântico, interrompida com o fim do tráfico negreiro e, depois, com a Abolição. A cristalização de um estágio pretérito dessas línguas, em uso ritual, faz delas fósseis linguísticos (CASTRO, 2009). Temos, então, até aqui, dois traços de línguas clássicas presentes nessas línguas: uso ritual e antiguidade.

Além disso, originalmente, todas elas possuíam uma rica oratura, formada por narrativas míticas (os *itãs* e *odus* iorubanos), cânticos às divindades, elementos esses registrados, sobretudo por etnólogos e antropólogos desde pelo

menos o final do século XIX, mas, mais recentemente, também pelos próprios praticantes e sacerdotes dessas religiões (VERGER, 2002a e 2002b; entre outros).

Cantados em todas as cerimônias, os cânticos referidos constituem orações coletivas; logo, podemos advogar o caráter de excelência e perfeição estética dessas línguas litúrgicas, já que usadas para os fiéis dirigirem sua fala e louvor às divindades, estabelecendo, assim, contato com o Sagrado, o que não se faz, nas inúmeras outras religiões, por um registro de língua coloquial.

Por fim, como, no interior dos terreiros, de forma natural e cotidiana, essas línguas são ensinadas pelos mais velhos (na idade e na iniciação) aos mais novos, é possível falar de uma transmissão linguística em espaço diferencial – formal, pelo contexto religioso, mas também familiar, pela natureza parentesco dessas comunidades –, o que confere a essas variedades antigas e fossilizadas dessas línguas perpetuação e caráter modelar, traços próprios de línguas clássicas.

6. Encerrando o texto, mas abrindo o debate

Ao final deste texto, conseguimos levantar um conjunto de línguas consideradas clássicas pela prática acadêmica (grego, latim, sânscrito, hebraico, árabe, persa, egípcio, antigo eslavo, gaélico, tâmil, chinês, japonês, coreano, nauatle, maia, tupi-antigo), um conjunto de traços comuns, em sua maioria, a todas elas (antiguidade, eruditismo, excelência e perfeição estética, caráter referencial e modelar, perpetuação muito tempo após seu surgimento, aprendizagem em ambientes diferenciados, uso ritual, renovação periódica) e constatar que destes, apenas o último não é pertinente às línguas litúrgicas do Candomblé no Brasil, o que permite caracterizá-las como línguas clássicas, a despeito de objeções a essa afirmação, baseáveis, talvez, no preconceito religioso, uma inequívoca expressão de racismo.

Que, com essas noções, essas línguas sagradas e honoráveis passem a receber a devida atenção da academia – com o desenvolvimento de ações de pesquisa, extensão e até ensino – e o prestígio social e a proteção, como patrimônio histórico-cultural que merecem e lhes são devidos.

Referências

- ALLETON, Viviane. **A escrita chinesa**. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- ANCHIETA, José de (S.J.). **A arte da gramática da língua mais usada nas costas do Brasil**. Salvador: CEDUFBA, 1980 [1595].
- ARMSTRONG, Karen. **A bíblia: uma biografia**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Zahar, 2008.
- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo Parábola, 2017.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo Parábola, 2011.
- BALLARIN, Oswaldo. **As línguas divertem: uma visão não convencional**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1995,
- BARD, Katherine A.; SHUBERT, Steven Blake. **Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt**. New York: Routledge, 1999.
- BASSETTO, Bruno F. **Elementos de filologia românica**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- BASSO, Renato Miguel; GONLAÇVES, Rodrigo Tadeu. **História concisa da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BLUEDORN, Harvey. **Por que estudar línguas clássicas?** 2016. Disponível em:
<<https://nossaheranca.wordpress.com/2016/07/15/por-que-estudar-linguas-classicas-harvey-bluedorn/>>. Acesso: 24.jul.2021
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 16e. Rio de Janeiro: Vozes, 1992 [1977].
- CARDOSO, Zélia de Almeida. Letras clássicas. **Estudos Avançados**, São Paulo, ano 8, n. 22, p. 389-94, dez./1994. Disponível em:
<sicelo.br/j/ea/a/tHRhsMFJCqHW78TVXNTRxDL/?lang=pt>.
Acesso:
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks/ Academia Brasileira de Letras, 2002.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. O português do Brasil, uma intromissão nessa história. In: GALVES, C.; GARMES, H.; RIBEIRO, F. R. (Org.). **África-Brasil:**

caminhos da língua portuguesa. Campinas: EDUNICAMP, 2009, p. 175-83.

CEIA, Carlos. "Clássico". In Id. **Dicionário eletrônico de termos literários**. 2009. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/classico/>>. Acesso: 25.jul.2021.

CONCEITO DE. **Conceito de clássico**. 2019. Disponível em: <conceitode/classico>. Acesso: 22.jul.2021.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Clássico**. 2021. Disponível em: <dicionarioinformal.com.br/classico>. Acesso: 22.jul.2021.

FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola, 2016.

GREENE, David. "Celtic Language". In: **Encyclopaedia Britannica**. 2017. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Celtic-languages>>. Acesso: 29.jul.2021.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IKEDA, Daisaku. **O budismo na China**. Rio de Janeiro: Record, 1976.

IKEDA, Daisaku; NEMOTO, Makoto. **Os clássicos da literatura japonesa: comentários e discussões**. Rio de Janeiro: Record, 1979.

MACCOULL, Leslie. "Copt language and literature". In: KAZHDAN, Alexander (Ed.). **The Oxford Dictionary of Byzantium**. New York: Oxford University Press, 1991.

MALAGRINO, Leonardo França. **Os ritmos no candomblé de nação angola: a música do templo de cultura bantu redandá**. 2017. 120f. Dissertação: Mestrado em Música. Universidade de Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32324/1/2017_LeonardoFran%25C3%25A7aMalagrino.pdf+&cd=12&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso: 5.ago.2021.

MARTINS, Isaltina; OLIVEIRA, Célia Mafalda. "„Introdução à Cultura e Línguas Clássicas" – propostas didáticas". In: CRAVO, Cláudia; MARQUES, Susana (Eds.). **O ensino das línguas clássicas: reflexões e experiências didáticas**. São Paulo: Annablume, 2017, p. 129-141.

MOISÉS, Massaud. "Classicismo". In: Id. **Dicionário de termos literários**. 2.e. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 82-85.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Método moderno de tupi antigo**: a língua do Brasil dos primeiros séculos. 2e. Petrópolis: Vozes, 1999.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário tupi antigo**: a língua clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. **Manual de introdução aos estudos linguísticos**. Caetité: UNEB/ DCH – Campus VI, 2018.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. **Nome próprios de origem tupi no Brasil do século XIX**. Dissertação – Mestrado em Letras e Linguística. 1999. 132 f. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

SALMONI, Anita. **Em busca das linguagens perdidas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SANCTA SEDES APOSTOLICA. **Missale Romanum**: ex decreto Sacrosancti Consilium Tridentini. 5e. Turino: Alfredi Mame et Filiorum Typis, 1922.

SANTIAGO, Emerson. **Antiguidade clássica**. 2021.

<<https://www.infoescola.com.br/historia/antiguidade-classica>>. Acesso: 21.jul.2021.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México indígena**: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas. São Paulo: Palas Athena, 2002.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1957.

SPALDING, Tassilo Orpheu. **Dicionário brasileiro de gramática** (de acordo com a nomenclatura gramatical brasileira. São Paulo: Cultrix/ INL, 1971.

STELLA, Jorge B. **História do indianismo**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1972. STÖRIG, Hans Joachim. **A aventura das línguas**: uma viagem através da história dos idiomas do mundo. 13e. São Paulo: Melhoramentos, 2000 [1990].

TAMOSKAS, Thiago. **Filosofia chinesa**: pensadores chineses de todos os tempos. Kindle Edition, 2020.

TAVÁREZ, David Eduardo. "Ritual language". In: ENFIELD, N. J.; KOCKELMAN, Paul; SIDNELL, Jack (Ed.). **The Cambridge Handbook of Linguistic Anthropology**. Cambridge University Press, 2014, p. 496-516.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Departamento de Letras Clássicas e**

Vernáculos. 2021. Disponível em: <<https://dlcv.fflch.usp.br/>>. Acesso 25.jul.2021.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. INSTITUTO DE LETRAS. **Corpo docente Ordenado por departamento.** 2021. Disponível em: <http://www.institutodeletras.uerj.br/quem_dept.php>. Acesso 25.jul.2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Colegiados de Letras língua estrangeira.** 2021. Disponível em: <<https://colegiadosdeletras.ufba.br/lingua-estrangeira>>. Acesso 25.jul.2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Instituto Confúcio de Medicina Chinesa.** 2021. Disponível em: <institutoconfucio.ufg.br>. Acesso: 29.jul.2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Cursos de graduação: grade curricular.** 2021. Disponível em: <<https://siga.ufrj.br/sira/repositorio-curriculo/ListaCursos.html>>. Acesso: 26.jul.2021.

VATICAN NEWS. Novas normas sobre a missa antiga, maior responsabilidade ao bispo. **Vatican News:** português, Cidade do Vaticano, 16/07/221. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-07/papa-francisco-motu-proprio-novas-normas-missa-antiga-missal.html>>. Acesso: 18.jul.2021.

VASCONCELOS, Jorge L. R. de. **Axé, orixá, xirê e música:** estudo de música e performance no candomblé queto na Baixada Santista. 2010. 250f. Tese: Doutorado em Música. Universidade de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <<https://livros01.livrosgratis.com.br/cp139370.pdf>>. Acesso: 5.ago.2021.

VERGER, Pièrre. **Lendas africanas dos Orixás.** Salvador: Fundação Pièrre Verger, 2002a.

VERGER, Pierre. **Orixás:** deuses iorubas na África e no Novo Mundo. 6e. São Paulo: Corrupio, 2002b. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6898406/Pierre-Verger-Os-Orixas-pdf>>. Acesso: 15.dez.2011.

WIKIPEDIA. Português. **Língua grega antiga ou clássica.** 2021. Disponível em: <www.pt.wikipedia.org/wiki/Língua_grega_antiga>. Acesso: 22.jul.2021.

WIKIPEDIA. Português. **Literatura coreana.** 2020. Disponível em: <www.pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_coreana>. Acesso:

27.jul.2021.

¹ Doutor (2008) e Mestre (1999) em Letras e Linguística pela UFBA. Licenciado em Letras Vernáculas com Inglês pela UCSal (1997). Professor-Assistente da UNEB. Sócio do IGHBA. Vice-Diretor de Publicações do CiFEFiL. Militante indígena e apoiador das causas negra, cigana, palestina, feminista e LGBTQIA+. Poeta, contista, cronista.

² Atualmente, tende-se a considerar latim clássico o uso formal escrito, inclusive, literário, da língua latina, em oposição ao latim falado por toda a população romana durante todo o período da romanidade (ou seja, do surgimento da cidade à queda do Império do Ocidente, em 476).

³ Das universidades consultadas, apenas a URFJ possui um Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, nos níveis de Mestrado e Doutorado. Contudo, no Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da UFBA, há pesquisadores de latim e grego.

⁴ O primeiro europeu a contatar o sânscrito foi Filippo Sassetti (1540-1588), morador de Goa desde 1583, que viu semelhanças entre ele e o florentino. Depois, o jesuíta holandês Johann Ernst Hanxleden (1681-1732) compôs, sem publicar, uma gramática sânscrita e um dicionário malabar- sânscrito-português. Em 1767, o jesuíta francês Gaston Coeurdoux (1697-1779) apresentou analogias entre sânscrito, latim e grego, publicadas só 40 anos depois, pelo que não tiveram consequência em sua época. (RAMOS, 2018)

⁵ Na Universidade Federal de Goiás, o Instituto Confúcio de Medicina Chinesa oferece um curso regular de Mandarim e de Introdução à Medicina Tradicional Chinesa (UFG, 2021).

⁶ Achamos contraditório o termo literatura oral, pois literatura pressupõe registro escrito, por isso preferimos falar em oratura ou oralitura.

⁷ Embora gramatizado por religiosos espanhóis, o quéchua – língua do Império Inca, disseminada pela colonização e catequese, ainda hoje oficial no Peru e Bolívia, ao lado do espanhol, também falada minoritariamente no Equador, Chile e Argentina – nunca teve sistema próprio de escrita nem literatura, apesar de dotada de oratura, só escrita no início do século XX por etnógrafos europeus (STÖRIG, 2000).
